

Goethe & Herder: a escrita da *Weltschmerz* no *Tempestade e Ímpeto*

Henrique Sagebin Bordini¹

Resumo: O presente artigo realiza uma leitura comparada de duas obras do período *Tempestade e Ímpeto* - o *Diário de Minha Viagem no Ano 1769* e *Os Sofrimentos do Jovem Werther* - tendo como ponto de referência o fenômeno conhecido por *Dor do Mundo*. Centrado na relação e troca intelectual entre Johann Gottfried Herder e Johann Wolfgang Goethe, propõe-se o cruzamento de suas obras e biografias de forma a mostrar que o fenômeno de fuga da época é, na verdade, a manifestação estética de um movimento que a própria sociedade dos territórios de língua alemã do século XVIII começava a experimentar. Através da análise dos pilares do movimento, quais sejam, a formação de um novo público leitor, a relação controversa com a *Aufklärung*, a fuga à Natureza e a valorização e criação de uma relação com o sentimento, ver-se-á que as angústias de ambos os autores são manifestações típicas de sua posição social.

Palavras-Chave: *Tempestade e Ímpeto*; Goethe; Herder; *Dor do Mundo*.

Zusammenfassung: In diesem Artikel werden zwei Werke aus der Sturm-und-Drang-Zeit - *Tagebuch meiner Reise 1769* und *Die Leiden des jungen Werther* - anhand des Phänomens des *Weltschmerzes* vergleichend gelesen. Anhand der Beziehung und des intellektuellen Austauschs zwischen Johann Gottfried Herder und Johann Wolfgang Goethe sollen ihre Werke und Biografien miteinander verglichen werden, um zu zeigen, dass das Phänomen der Flucht zu jener Zeit tatsächlich die ästhetische Manifestation einer Bewegung war, die die Gesellschaft im deutschsprachigen Raum des 18. Jahrhunderts selbst zu erleben begann. Durch die Analyse der Pfeiler dieser Bewegung, nämlich der Bildung einer neuen Leserschaft, des kontroversen Verhältnisses zur *Aufklärung*, der Flucht vor der Natur und der Aufwertung und Herstellung eines Verhältnisses zum Gefühl, wird sich zeigen, dass die Ängste beider Autoren typische Manifestationen ihrer gesellschaftlichen Position sind.

Schlüsselwörter: Sturm und Drang; Goethe; Herder; *Weltschmerz*.

Introdução

Em sua autobiografia, **De minha vida - Poesia e Verdade**, Johann Wolfgang v. Goethe [1749 - 1832] narra alguns importantes episódios de seu círculo social e - por consequência - da história da literatura de língua alemã, muito pelo fato de sua vida ter coincidido com o período de efervescência cultural e crítica que antecedeu e formou o *Tempestade e Ímpeto*, passando também pelo Classicismo de Weimar e ter se encerrado em meio ao Romantismo; uma vida que antecedeu a Revolução Francesa e terminou em meio à Restauração. Goethe nasceu e morreu sem ter visto ou vivido um estado alemão

¹ Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Doutorando no Graduiertenkolleg 2806: Literatur und Öffentlichkeit, na Friedrich-Alexander-Universität Erlangen-Nürnberg. henrique.bordini@fau.de.

unificado que abarcasse o que hoje se conhece por Alemanha, mas a sua atividade intelectual e produção literária tiveram início em um contexto onde diversos reinos, ainda herdeiros do Sacro-Império Romano Germânico, compartilhavam uma língua comum (BALET & GERHARD, 1973, p. 11 e 12); e onde um novo público leitor e uma nova crítica literária estavam se formando (HAUSER, 1972, p. 684). No livro X dessa sua autobiografia é narrado o seu encontro em Estrasburgo com Johann Gottfried v. Herder [1744 - 1803], sendo considerado esse o marco inicial do *Tempestade e Ímpeto* (KEMPER, 1997, p. 39). A descrição do encontro - escrita décadas após a morte de Herder - destaca a importância de seu pensamento para toda a sua geração, porém, como o próprio Kemper coloca, sua amizade com Goethe teve altos e baixos e, mesmo neste texto, produzido com a intenção de uma conciliação honrosa entre os dois autores, ele “procurou limitar consideravelmente a influência de Herder. Por um lado, ele enfatiza sua independência: por meio de Herder, ele apenas ‘completou’ o que já havia pensado, aprendido e apropriado” (*Id.*, p. 40)².

Juntamente com Friedrich Schiller [1759-1805], Goethe e Herder são os mais influentes autores do período, e o sucesso gozado pelo romance epistolar **Os sofrimentos do jovem Werther** conferiu-lhe o status de obra símbolo do movimento (juntamente com **Die Räuber**, de Schiller). O exercício de se tentar compreender hoje, 250 anos depois de sua primeira edição, qual era a posição deste romance no contexto intelectual de sua época pode ser auxiliado através do instrumental da literatura comparada. A fortuna crítica acerca do *Tempestade e Ímpeto* destaca a importância das trocas intelectuais entre esses autores, mostrando uma certa influência mútua, mas também uma resposta similar às inquietações postas pelas mudanças sociais que se desenhavam no horizonte. Se o *Werther* é a obra produzida por Goethe nesse contexto, o **Diário de minha Viagem no Ano de 1769**, nunca publicado durante a vida de Herder, foi a reação deste em um formato não ficcional. A proposta deste artigo é apresentar em paralelo o pensamento dos jovens Johann Gottfried v. Herder e Johann Wolfgang v. Goethe através do **Diário de Minha Viagem no Ano de 1769** e do **Os sofrimentos do jovem Werther** respectivamente, colocando-os dentro do panorama da literatura e crítica literária de língua alemã do final do século XVIII e, com isso, trazer um pequeno panorama do movimento conhecido por *Tempestade e Ímpeto*. Para tal, propõe-se a leitura comparada de trechos do diário de viagens de Herder com algumas cenas do *Werther* a fim de

² (...) Sucht er, Herders Einfluß doch zugleich erheblich einzuschränken. Zum einen betont er seine Eigenständigkeit: Durch Herder habe er nur „komplettiert“, was er schon „bisher gedacht, gelernt“, sich „zugeeignet“ hatte. [minha tradução]

explorar o papel e o significado do conceito de *Weltschmerz* como a tradução literária da sociedade pré-revolucionária europeia de língua alemã.

Os Bastidores do Tempestade e Ímpeto

Convenciona-se chamar de Tempestade e Ímpeto o movimento literário vigente nas províncias e reinos de língua alemã que constituíam o então decadente Sacro-Império Romano-Germânico, a Prússia e a parcela germanófona do Império Russo no período que vai de meados da década de 1760 até o princípio dos anos 1780 (GAIER, 2022, p. 14), sendo uma manifestação artística e literária do individualismo burguês, que recusava a imobilidade social do mundo aristocrático de então. É caracterizado pela valorização do gênio criador sobre as regras artísticas impostas e pela retomada da sensibilidade (HAUSER, 1972, p. 701); pelo reconhecimento da natureza como epítome da força criativa (LUKÁCS, 2021, p. 50; ELIAS, 1991, p. 35; SAFRANSKI, 2010, p. 26); por uma recusa do racionalismo e por um certo desamparo produzido pelo conflito entre o indivíduo e o mundo, também conhecido como dor do mundo [*Weltschmerz*] (ROSENFELD, 1991, p. 10; LUKÁCS, 2021, p. 49), um conceito que será central. O contexto em que o Tempestade e Ímpeto se desenvolveu é marcado pelas consequências políticas e sociais do século XVIII, pelo Esclarecimento, pela formação do público leitor, pelas ideias de Jean-Jacques Rousseau [1712 - 1778] pela influência do Pietismo, de uma nova abordagem da sensibilidade e por uma reação à imposição de regras estéticas francesas importadas através da cultura universitária (ADLER, 2012, p. 333)

A postura individualista é o resultado de uma série de fatores sociais que se desenvolveram tanto na França, culminando na Revolução Francesa, quanto no resto da Europa (HAUSER, 1999, p. 91). Ainda que as monarquias francesa e prussiana da época possam ser classificadas como absolutistas, no campo da história das ideias, a língua alemã vivia a revolução kantiana da filosofia e com ela a própria noção de Esclarecimento (KARTHAUS, 2007, p. 15). Nesse contexto onde, por um lado, o racionalismo se apresentava como forma fixa de interpretação do mundo, e, por outro, o absolutismo gerava uma sociedade estática, não havia muitas alternativas concretas ao individualismo da pequena burguesia de língua alemã (HAUSER, 1999, p. 92), que se viu impedida a se manifestar através do sentimento e da literatura.

Nos bastidores do Tempestade e Ímpeto, um novo fenômeno social dava sinais de sua presença: a expansão do público leitor (KARTHAUS, 2007, p. 22). O Esclarecimento, sob os nomes de Immanuel Kant [1724 - 1804] e de Gotthold Ephraim Lessing [1729 - 1781], vê uma primeira espécie de unificação alemã, se não política, pelo menos através da língua e da criação de diversos periódicos e revistas de crítica literária (FICK, 2010,

p. 35), como é o caso das **Cartas sobre a mais recente literatura** [*Briefe, die neueste Literatur betreffend*], editadas por Lessing e por Friedrich Nicolai [1733 - 1811], que contava ainda com a contribuição intelectual de Moses Mendelssohn [1729 - 1786]. Tal publicação foi uma das primeiras a ter como objeto a literatura de língua alemã e a reflexão estética sobre o emprego da língua alemã na literatura, que nos tempos de Frederico II da Prússia [1712 - 1786] e de um dos principais estetas de seu tempo, Johann Christoph Gottsched [1700 - 1766], vinha sofrendo uma forte influência da literatura francesa.

A influência da cultura de língua francesa, porém, não se resumiu à imposição de regras estéticas. A crítica levantada Rousseau à civilização de seu tempo exerceu uma grande influência na formação dos círculos intelectuais, disputando com convenções do século XVIII, e chamando a atenção para a relação política entre a vida em sociedade e a sua intervenção na natureza humana (ZAMMITO, 2006, p. 69). Em um contexto em que a noção de civilização significava boas-maneiras, o controle dos ímpetos e uma oposição ao “homem simples”,

Rousseau lançou o ataque mais radical à ordem de valores dominante em seu tempo e exatamente por este motivo sua importância direta para o movimento de reforma de corte/classe média da intelligentsia francesa foi menor do que poderia ser sugerido por sua ressonância entre a apolítica, embora intelectualmente mais radical, intelligentsia de classe média da Alemanha (ELIAS, 1990, p. 67).

35

A reflexão sobre o Bom Selvagem oferecia tanto uma resposta ao dilema político da crítica do absolutismo quanto ao racionalismo iluminista, havendo um certo paralelismo com a fuga à natureza presente nas obras do movimento aqui apresentado. O eco da afirmação de que o homem é bom por natureza e que o progresso das ciências e das artes corrompeu nossa moral pode ser identificado tanto em obras de Goethe quanto de Herder no período.

Se o século XVIII é o século do esclarecimento, ele também foi o século do Pietismo, um movimento oriundo do luteranismo que valorizava as experiências individuais do crente, estimulando a livre interpretação dos textos sagrados, e o exercício da piedade [*Frömmigkeit*], visando a internalização da fé (MARTINSON, 2006, p. 15). Charles TAYLOR chama a atenção para dois tópicos: o primeiro é a sua reação ao formalismo luterano da época, convertendo-se em uma religião que, ao valorizar a livre interpretação da bíblia, estimulava o exercício da individualidade, aliando-se assim ao esclarecimento alemão (2014, p. 32). O segundo ponto é que sua difusão ajudou a alavancar a filosofia alemã dos séculos XVII ao XIX, uma vez que uma série de filósofos

alemães provém de uma origem pietista, de Herder a Hegel (id., p. 35) e uma das poucas entradas à vida universitária subsidiadas da época era o estudo da Teologia. Ocorre que

“Com o Pietismo desenvolveu-se uma forte cultura das emoções, onde uma sensibilidade para as próprias emoções baseada na religião foi se estendendo para outras áreas. O sentimento pela beleza da natureza e da paisagem se desenvolveu para a atenção aos sentimentos das outras pessoas, a amizade e o amor eram provados assim através dos sentimentos individuais” (KARTHAUS, p. 24)³.

Por fim, a cultura universitária de língua alemã vivia um dilema à época dos jovens Goethe e Herder. Uma das consequências da cultura burguesa enfraquecida pela destruição ocasionada pela guerra dos 30 anos foi a introdução (e vigência) de modelos literários advindos da França, uma vez que as cortes alemãs não conseguiam fazer frente às ideias daquele país cuja corte desfrutava de mais poder e onde o mercado editorial já estava mais desenvolvido. Martineschen argumenta que durante os anos de juventude de Herder, principalmente em seus anos de formação, a década de 1760, havia um embate entre o historicismo literário e neoclassicismo de Paris (2013, p. 18). O ideário de Gottsched⁴, professor em Leipzig e notório francófilo, estava em alta e servia como guia estético para boa parte dos reinos de língua alemã (HAUSER, 1998, p. 601). Goethe e Herder estão inseridos nesse estado de efervescência cultural, do qual servirá como catalisador de reflexões que marcam o declínio da presença francesa na língua alemã e fará, como escreve Gilles, “uma revolução que não teve fim, ele [Herder] fez a literatura alemã consciente de si mesma” (1945, p. 115).

36

Enquanto jovens falantes da língua alemã, a geração do Tempestade e Ímpeto será influenciada pela parcela da geração imediatamente anterior que discutia sobre o emprego da língua alemã na literatura. Essa geração reflete sobre o fato de sua língua estar em uma espécie de periferia cultural da França; posição esta imposta por um discurso de hierarquização das diferentes culturas, algo comum ao racionalismo (NOYES, 2015, p. 26). Uma boa parte da fortuna crítica sobre este movimento encontra dificuldade em elencar todas as tendências que dele se desenvolveram: enquanto alguns autores

³ *Mit dem Pietismus entwickelte sich eine verstärkte Gefühlskultur, die sich von der religiös begründeten Sensibilität für die eigenen Empfindungen ausgehend auch auf andere Bereiche erstreckte. Das Gefühl für die Schönheiten der Natur und der Landschaft kam auf; die Aufmerksamkeit auf Empfindungen anderer Menschen entwickelte sich, Freundschaft und Liebe wurden durch das individuelle Gefühl als wahr bewiesen.* [minha tradução]

⁴ Segundo FRANCESCHINI & WERLE, Gottsched dominou a vida literária alemã entre os anos de 1730 e 1750. Como professor na Universidade de Leipzig, defendeu a criação de um modelo para a poesia alemã baseada no classicismo francês. Esse modelo estava centrado na filosofia de Christian Wolff (2019, p. 265).

enxergam na recusa à imposição de regras formais à língua alemã, uma recusa ao próprio iluminismo francês e uma semente do nacionalismo que virá no século XIX (BERLIN, 2001, p. 55); outros autores observam ali tendências progressistas e até mesmo esteticamente libertadoras (FERREIRA NETO, 2018, p. 125).

Goethe e Herder - Contexto

As vidas de Herder e de Goethe cruzaram-se muito cedo. Mesmo percorrendo caminhos muito diversos (Goethe encontrando glória em vida e Herder sofrendo uma espécie de ostracismo no leito de morte), os pontos de convergência foram muito importantes para o desenvolvimento do *Tempestade e Ímpeto*. Herder, ainda jovem, foi aluno de Kant e Johann Georg Hamann [1730 - 1788] em Königsberg, tendo obtido uma vaga de preceptor na *Domschule* em Riga no ano de 1764 (MARTINSON, 2009, p. 18). A formação pietista que lhe foi possibilitada por sua família e os exercícios de livre-interpretação da Bíblia foram seu primeiro modelo de formação intelectual. Apesar dos anos de Riga terem sido particularmente prolíficos para a sua produção intelectual, escrevendo sobre o aprendizado de línguas estrangeiras e sobre formação em geral⁵, a sua troca epistolar com Hamann traz um sentimento de inadequação perante a cidade que lhe havia recebido (HARRISON, 1956, p. 24). Os primeiros escritos relevantes de Herder são os **Fragmentos sobre a nova literatura alemã**. As coletâneas de Fragmentos que Herder organizou são os seus comentários e reações ao conteúdo que circulava nas **Cartas sobre a mais recente literatura alemã**, que já não eram mais publicados à época da redação de Herder. Datando de 1767, a primeira coletânea de *fragmentos* foi publicada anonimamente, mas logo se descobriu a sua autoria (FRANCESCHINI & WERLE, 2019, p. 17).

O *fragmento* foi uma de suas formas favoritas para a expressão e desenvolvimento de suas ideias estéticas, linguísticas e políticas; ela reflete essa negação ao *racionalismo* vigente à época, que prescrevia até mesmo a forma que um trabalho literário ou científico deveria seguir. Diversos dos textos do jovem Herder ou não iniciam ou não terminam, são ímpetos criativos e reflexões esparsas. Com o *Diário* não será diferente, o narrador que ali se encontra ora concebe grandes planos, ora lamenta sua situação intelectual e decisões de vida. O método de Herder é fundamentado na

“rebelião contra as regras que o racionalismo ilustrado havia imposto a todos os âmbitos da cultura (...). Estas regras, segundo ambos [Herder e

⁵ Um ótimo estudo sobre algumas das obras de juventude de Herder, sua concepção de tradução e uma pequena antologia de textos traduzidos pode ser encontrado na monografia de Daniel MARTINESCHEN, **A reflexão tradutória de Johann Gottfried Herder**, 2013.

Hamann], não eram mais que travas destinadas a refrear a capacidade criativa do homem” (RIBAS, 1982, p. XVI).

Advogando pela força criativa em detrimento do respeito a regras formais pré-estabelecidas, Herder resgata o valor da intuição na cultura filosófica e intelectual de sua época (TRABANT, 2009, p. 136) e o resultado é a sua predileção pela análise de seu objeto através de sua mudança no tempo (daí suas obras se ocuparem de assuntos como a *origem* da poesia ou a *origem* da linguagem) e a sua predileção pela descrição em detrimento da prescrição.

A relação de Herder com a ideia de cultura nacional foi explorada tanto por vertentes conservadoras quanto progressistas. Apesar de se opor à noção típica de cosmopolitismo do século XVIII, que hierarquiza línguas e culturas através da régua do racionalismo, Herder defendia que as línguas são inerentes aos seres humanos e que seu desenvolvimento são um reflexo de suas visões de mundo, de forma que cada cultura carrega em sua língua e arte toda a herança cultural das gerações anteriores. Não é gratuito que os estudos sobre poesia popular tenham em Herder uma referência, defensor de que cada cultura enriquece o gênero humano à sua maneira (RIBAS, 1982, p. XVI).

As suas ideias de juventude sobre língua, história, nação e literatura foram desenvolvidas ao longo de sua carreira. Mas ainda em Riga, adquiriu fama com a publicação dos Fragmentos, e essa fama lhe causou um certo desgosto com seu emprego e círculo social na cidade. No ano de 1769, o jovem pastor decide sair da cidade e navegar até a França. É no contexto dessa viagem que Herder escreverá o **Diário de Minha Viagem no Ano 1769**. Esse descontentamento de Herder com o seu emprego, sua posição social, sua vontade de criar algo digno de seu nome encontra uma semelhança notável com a categorização efetuada por Anatol Rosenfeld: a incompatibilidade entre o indivíduo e a sociedade, o que resultava numa dor do mundo; a ênfase no gênio criador que se afirma livre das regras artísticas (deve-se dar vazão aos impulsos naturais e vigorosos); o acentuado individualismo nas artes; o sentimentalismo (ROSENFELD, 1991, p. 7-10).

O **Diário de Minha Viagem no Ano 1769** já foi chamado de *Magna Charta* do Tempestade e Ímpeto (SAFRANSKI, 2010, p. 23; KARTHAUS, 2007, p. 44), porque é, no fundo, uma busca por novos horizontes, tanto geográficos, quanto filosóficos, estéticos e pessoais. E essas inquietações não se manifestam apenas na construção da obra, mas na sua própria forma. O diário é uma obra de publicação póstuma, ao contrário do **Werther**, porém o nome e influência de seu autor se estenderam pelos intelectuais do movimento (HARRISON, 1952, p. 47). Porém, como um bom trabalho de Herder, não se pode esperar

do Diário um conteúdo semelhante ao de um diário normal. Nas quase 90 páginas que o compõem, fala-se da viagem em apenas três ocasiões⁶ e há apenas 11 menções aos dias, sendo 10 delas, no primeiro parágrafo. Dessa maneira, o documento escrito por Herder assemelha-se muito mais ao *fragmento* que a um diário.

Enquanto Herder começava seu primeiro trabalho em Riga, Goethe iniciava seus estudos em direito na Universidade de Leipzig em 1765, ainda com 16 anos. O período universitário de Goethe é também o período que antecede a criação de seu Werther. Por questões de saúde, não obteve o grau de **Autoritas** (SAUL, 2002, p. 23), continuando seus estudos - após idas e vindas - em Estrasburgo e vindo a trabalhar na câmara judiciária imperial (**Reichskammergericht**) em Wetzlar (BECKER-CANTARINO, 2002, p. 179). Nos anos de estudo em Estrasburgo, Goethe escreve seu ensaio sobre a *Arquitetura Alemã* (**Von deutscher Baukunst**), onde entra no debate acerca do conceito de gênio, e conhece Herder, à época ocupado com a redação de seu ensaio sobre Shakespeare, também importante para a figura de gênio que guiará o Tempestade e Ímpeto.

Enquanto realizava o estágio em Wetzlar, Goethe trava um intenso contato com Johann Christian Kestner e sua noiva, Charlotte Buff, por quem se apaixona. Nesse período, o autor também trava conhecimento com Karl Wilhelm Jerusalem, secretário de um enviado diplomático que também se envolveria em uma relação amorosa mal-sucedida que culminaria em seu suicídio (KARTHAUS, 2007, p. 182). Tanto o nome das personagens que figuram na obra, Lotte e Wilhelm, quanto parte do enredo encontra reflexo na vida do próprio Goethe. A fortuna crítica mais recente afasta a biografia de Goethe do enredo razoavelmente similar de Werther; há, porém, um consenso acerca do contexto da escrita: o personagem busca uma cura pela escrita. O estilo de **Os Sofrimentos do jovem Werther** se assemelha ao da lírica, há uma busca de liberdade de formas e de comportamento, o que reflete a mesma busca por liberdade que Herder empreendeu intelectualmente. O próprio suicídio de Werther possui um outro significado na época de sua publicação. Se pensarmos que em 1770 o suicídio ainda era visto pela perspectiva cristã como um dos piores pecados, o ato desesperado da personagem se revela uma afronta à ordem imposta (KARTHAUS, p. 182). Em 1774, Goethe finalmente publica **Os Sofrimentos do jovem Werther**, adquirindo fama.

Compreendido o contexto de publicação da obra, fica evidente que seu enredo e estrutura inserem-se na estética do movimento. Sendo um romance epistolar e uma ficção

⁶ No caso, entre os parágrafos §§ 1 ao 6, onde o autor conversa consigo mesmo sobre os motivos pelos quais deixou Riga; nos parágrafos §§ 7 ao 13, onde se reflete sobre estar no mar, o sentimento de vazio e do movimento e apenas nos parágrafos §§ 96 ao 103, onde é descrita a chegada à França e as primeiras impressões de Nantes.

de editor [*Herausgeberfiktion*], o livro nos apresenta dois conjuntos de cartas escritas por Werther a seu amigo Wilhelm e que são recontextualizados no final a partir do relato do editor, que oferece ao leitor a sua explicação da história. Excetuando, porém, o aspecto ficcional, e focando mais detalhadamente na escrita de Goethe, é possível encontrar semelhanças notáveis entre o Werther e o Diário de Herder, principalmente a manifestação literária da dor do mundo.

A Dor do Mundo

Ainda que seja frequentemente associada ao romantismo e seus frutos, indo até os princípios do século XX, a *Dor do Mundo* é uma atitude poética pessimista produzida pelo desencontro entre os anseios subjetivos de um indivíduo e a sua impotência diante da realidade externa, o que ocasiona frequentemente uma fuga da realidade através da imaginação, sendo também possível encontrar seus traços em obras de arte produzidas entre o período de um iluminismo tardio e um romantismo precoce (MEYER-SICKENDIEK, 2018, p. 254). A fortuna crítica também categorizou essa atitude em duas vertentes a partir de sua origem: a dor do mundo universal e a dor do mundo pessoal. A dor do mundo universal é ocasionada pela consciência da desventura e tristeza comuns à humanidade, observando um destino angustiante à coletividade; enquanto a dor do mundo pessoal é categorizada pela consciência que o indivíduo tem de sua própria impotência e infelicidade (BRAUN, 1905, p. 3). Essa desarmonia se manifesta em diversos autores do Tempestade e Ímpeto - seja no *Ugolino*, de Heinrich Wilhelm von Gerstenberg [1737 - 1823], no *Voltaire am Abend seiner Apotheose*, de Heinrich Leopold Wagner [1747 - 1779], seja em *die Räuber*, de Schiller, a problemática intermediação entre o indivíduo e o coletivo, o particular e o abstrato, constitui o pano de fundo dessa literatura.

Se comparados, fragmentos do **Diário** e de **Werther** conseguem ilustrar essa atitude. Tome-se, por exemplo, o seguinte trecho do Werther:

“Não me deixei abater; mas sentia aquilo que já havia percebido muitas vezes, da forma mais viva possível: pessoas de certa posição social sempre se manterão a uma distância fria do povo comum, como se achassem que perderiam algo com a proximidade; e depois, há os levianos e brincalhões grosseiros, que parecem se rebaixar no intuito de fazer o povo sentir ainda mais a sua arrogância. **Bem sei que não somos iguais, nem podemos sê-lo**; mas aquele que julga necessário manter-se afastado do populacho para preservar a sua respeitabilidade é tão condenável quanto um covarde, que se esconde do inimigo por temer ser derrotado” (GOETHE, 2020, p. 32 - **grifo meu**).

Aqui o narrador se situa socialmente e, por meio do trecho grifado, é revelado ao seu interlocutor uma espécie de impotência diante da imobilidade social. O seu julgamento moral, porém, que não causa efeitos práticos, serve como uma espécie de escape de Werther diante de sua situação. Colocados lado a lado, o seguinte trecho do primeiro parágrafo do **Diário** oferece alguma semelhança:

“Não me agradava fazer parte do círculo em que me encontrava, nem mesmo na exoneração, que eu solicitara. Não gostava de ser professor de escola: essa esfera me era muito estreita, muito estranha, muito inadequada, e eu era muito aberto, muito estranho e muito ocupado para a essa esfera. Não me aprazia ser um cidadão, pois minha vida doméstica implicava muitas limitações, poucos proveitos substanciais e uma tranquilidade preguiçosa, por vezes, repugnante. E menos que tudo, achava-me insatisfeito como autor, papel onde causara um alvoroço tão desvantajoso para a minha posição quando nocivo para a minha pessoa. Assim, tudo me era repugnante. Não tive força e coragem suficientes para acabar com essas situações ruins e me lançar em uma carreira completamente diferente”⁷

Tanto Herder, nos escritos biográficos, quanto o Werther, de Goethe, na ficção, apresentam uma constante fuga a essa realidade através de sua relação em contato com a natureza. Essa nova sensibilidade é a postura que a geração encontrou às suas “limitações” políticas e materiais, mas essa fuga é também um sintoma do conservadorismo da geração, que se vê incapaz em abandonar a tradição e os laços da vida burguesa (FERREIRA NETO, 2018, p. 74). Tanto o suicídio de Werther quanto a fuga de Herder pela viagem são sintomáticos da Dor do Mundo pessoal conforme apresentada por Braun - ainda que o social esteja em evidência na denúncia dessa dor, a busca de seu alívio se baseia em movimentos pessoais, não em uma busca pela mudança concreta da realidade e, ao invés de afrontar o mundo que lhes imobiliza, os autores fogem, buscando antes de tudo uma consolação pessoal. Essa consolação trará o segundo aspecto do *Tempestade e Ímpeto*: a fuga para a natureza e a redenção pela estética.

“Para Schiller, Goethe, Herder e os românticos, o contato com a natureza regenera e inspira os seres humanos. O indivíduo escapa da monotonia e do desespero da vida,

⁷ *Ich gefiel mir nicht, als Gesellschafter weder, in dem Kraise, da ich war; noch in der Ausschließung, die ich mir gegeben hatte. Ich gefiel mir nicht als Schullehrer, die Sphäre war [für] mich zu enge, zu fremde, zu unpassend, und ich für meine Sphäre zu weit, zu fremde, zu beschäftigt. Ich gefiel mir nicht, als Bürger, da meine häusliche Lebensart Einschränkungen, wenig wesentliche Nutzbarkeiten, und eine faule, oft eckle Ruhe hatte. Am wenigsten endlich als Autor, wo ich ein Gerücht erregt hatte, das meinem Stande eben so nachtheilig, als meiner Person empfindlich war. Alles also war mir zuwider. Muth und Kräfte gnug hatte ich nicht, alle diese Mißsituationen zu zerstören, und mich ganz in eine andre Laufbahn hineinzuschwingen. [minha tradução]*

que é o produto da cultura, voltando-se para a natureza”⁸ (BEISER, 2016, p. 201). Ecoando indiretamente os escritos de Rousseau, essa geração observará a vida prática ora como algo nocivo - em Werther e a sua crítica do caráter da nobreza - ora como algo que interfere na livre manifestação do Gênio - como em Herder.

Em um dado episódio, Werther realiza o elogio de um vilarejo afastado onde abunda a natureza - Wahlheim. Ali, a personagem colocará em seu elogio a oposição à sociedade burguesa, com suas regras e costumes. O que Werther descreve é, no fundo, a maneira como consegue sobreviver e escapar ao próprio dia-a-dia:

“Isso reforçou o meu propósito de, no futuro, ater-me apenas à natureza. Somente ela é infinitamente rica e capaz de formar os grandes artistas. Podem-se dizer muitas coisas em favor das regras, como o que se diz mais ou menos para elogiar a sociedade burguesa. (...) toda regra, diga-se o que quiser delas, destruirá o verdadeiro sentimento de natureza e a sua verdadeira expressão!” (GOETHE, 2020 [1774], p. 38).

Herder, sentindo um ímpeto parecido, discorre em seu diário sobre o infinito do horizonte e como a distância com a sua vida cotidiana lhe inspira novas ideias. Claro que, apesar de uma série de autores da época, ter criticado o seu cotidiano burguês, fugindo de seus cargos (Herder), estudos (Goethe) ou mesmo serviço militar (Schiller), nenhum deles percebe que a sua própria crítica à burguesia e seus costumes era uma reação burguesa a uma nova sociedade que aos poucos se alterava, uma sociedade onde autores conseguiam viver de forma autônoma e independente da igreja ou da corte (FERREIRA NETO, 2018, p. 74). A fuga à natureza da geração do tempestade e ímpeto não é apenas reação à dor do mundo, mas a marca da mudança social que estava em seu pano de fundo, conforme Herder coloca em sua reflexão sobre o mesmo tema:

“Assim se pensa quando se passa de uma situação à outra. E que ampla esfera de pensamento não oferece um navio que flutua entre o céu e o mar! Aqui há tudo para o pensamento, asas, movimento e uma atmosfera ampla! A vela balançando, o constante vai-e-vem do navio, o barulho das ondas do mar, as nuvens voando, e o vasto e infinito horizonte! Na terra se está restrito a um ponto morto, se está encerrado no círculo estreito de uma situação.”⁹

⁸ For Schiller, Goethe, Herder and the romantics, contact with nature regenerates and inspires human beings. One escapes the drudgery and despair of life, which is the product of culture, by turning to nature [minha tradução]

⁹ So denkt man, wenn man aus Situation in Situation tritt, und was gibt ein Schiff, daß zwischen Himmel und Meer schwebt, nicht für weite Sphäre zu denken! Alles gibt hier dem Gedanken Flügel und Bewegung und weiten Luftkreis! Das flatternde Segel, das immer wankende Schiff, der rauschende Wellenstrom, die fliegende Wolke, der weite unendliche Luftkreis! Auf der Erde ist man an einen toten Punkt angeheftet; und in den engen Kreis einer Situation eingeschlossen. [minha tradução]

Os autores da geração enfrentaram essas restrições e a subordinação antes de suas viagens ou de iniciar de suas carreiras no contexto intelectual e editorial de então. Uma das outras reações ao fenômeno aqui analisado é então a crença e o emprego da escrita por conta de seu poder catártico diante da realidade (WILLIAMS, p. 56). Werther argumenta que está empregando a linguagem para tentar se curar de um furor que lhe acomete, a “linguagem de Werther é um instrumento flexível e sensível para a expressão de seus sentimentos, pessoais e emocionais” (KARTHAUS, 2007, p. 183)¹⁰. Diante da incapacidade da personagem em se adaptar às obrigações da vida social, resta a Werther apenas a descrição de suas penas ao seu amigo. Na carta enviada em **24 de Dezembro de 1771**, é narrado o seguinte:

“O enviado me causa muito aborrecimento [*Verdruß*], isso eu já previa. Ele é o tolo mais metódico que poderia existir; passo a passo e minucioso como uma tia; uma pessoa que nunca está satisfeita consigo mesmo e do qual ninguém consegue um obrigado” (GOETHE, 2020 [1774], p. 74).

Nas palavras de Werther, a manifestação de aborrecimento está vinculada à organização de seu superior, organização essa que acarreta em uma impossibilidade de satisfação, uma organização que afasta o sentimento da experiência. E segue: “Nem sequer um ‘E’, nem mesmo uma conjunçãozinha pode faltar; e das inversões, que por vezes me escapam, ele é o inimigo mortal! (...) é um sofrimento ter qualquer coisa que ver com uma pessoa assim” (*Id.*). Essa passagem ilustra muito bem que a linguagem não é aqui um sistema de regras metódicas e prescritas, mas sim, um instrumento para a manifestação dos sentimentos e das visões de mundo de um indivíduo.

A linguagem como uma ponte para a expressão da subjetividade em detrimento de regras gramaticais impostas externamente está em contato direto com os escritos sobre linguagem de Herder e, antes dele Hamann, que cunhou a famosa frase: “a poesia é a língua materna da humanidade”. Herder e Hamann defendiam que a mudança das línguas no tempo estavam diretamente vinculadas com o gradativo conhecimento e descrição do mundo que cerca e compõe o falante (TRABANT, 2012, p. 118). O estilo presente no **Os sofrimentos do jovem Werther** foi descrito à época como mais próximo da Lírica que do romance, e autores como KARTHAUS explicam que

¹⁰ *Werthers Sprache ist ein biegsames und sensibles Instrument für den Ausdruck seiner Empfindungen, persönlich und gefühlsbetont.* [minha tradução]

Não foram apenas os jovens da década de 1770 que ficaram encantados com a linguagem de Werther; mesmo os germanistas não conseguem por vezes conter seu entusiasmo diante de uma linguagem que se assemelha a um hino, que perpetua a harmonia entre o homem e a natureza, a sensação e a observação em uma felicidade natural panteísta (2007, p 184)¹¹.

Considerações Finais

Tanto Herder quanto Goethe estavam atuando em um mesmo cenário social, onde a mobilidade e a autonomia, improvável às gerações anteriores, ainda se encontravam restritas, mas alguns atos extraordinários - como a demissão de Herder ou o suicídio ficcional de Werther - permitiam a afronta à ordem posta. A geração do *Tempestade e Ímpeto*, às vésperas da Revolução Francesa, interpretou e escreveu essa insatisfação através da *Dor do Mundo*, experimentada nas obras literárias e nas biografias de alguns personagens. Cabe lembrar, porém, que essa reação - apesar de ter causado um grande furor intelectual e ter tocado o nascente público leitor de língua alemão, que se identificou de sobremaneira nas obras desses autores - reflete antes uma análise do próprio indivíduo diante do coletivo que de uma análise do coletivo. Ainda assim, as similaridades entre o diário de Herder e o Werther de Goethe não apenas sintetizam o contexto e a reação, mas também abriram os caminhos artísticos à futura geração romântica, que colocaria em cheque ainda outras convicções da época.

44

Bibliografia

BALET, Leo & GERHARD, Eberhard. **Die Verbürgerlichung der deutschen Kunst, Literatur und Musik im 18. Jahrhundert**. Dresden: Verlag der Kunst, 1979.

BERLIN, Isaiah. **Vico & Herder**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

BRAUN, Wilhelm A. **Types of Weltschmerz in German Poetry**. New York: Columbia University Press, 1905.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungmann. 1ª Edição Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1990

FERREIRA NETO, Orlando Marcondes. **O pensamento histórico do jovem Herder: crítica ao Esclarecimento e a formação da nação (1765 - 1774)**. 2018. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

¹¹ *Nicht nur die Jugend der 1770er Jahre wurde von der Sprache Werthers hingerissen, auch Germanisten sind bisweilen nicht in der Lage, ihre Begeisterung angesichts einer (...) hymnischen Sprache zurückzudämmen, die den Einklang von Mensch und Natur, Empfindung und Beobachtung in pantheistischer Naturseligkeit preist.* [tradução minha]

FICK, Monika. **Lessing-Handbuch**. Leben - Werk - Wirkung. Stuttgart: J. B. Metzler Verlag, 2010.

FRANCESCHINI, P. & WERLE, M. **Introdução**. In: Herder, Johann Gottfried. **Escritos sobre Estética e Literatura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

GAIER, Ulrich. **Klassik?** In: ADLER, Hans et al. **Der "andere Klassiker". Johann Gottfried Herder und die Weimarer Konstellation um 1800**. Göttingen: Wallstein Verlag, 2022.

GOETHE, Johann W. v. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Trad. de Claudia Dornbusch. São Paulo: Antofágica, 2022.

GILLIES, Alexander. **Herder**. Oxford: Blackwell, 1945.

HARRISON, John. **Introduction**. In: HERDER, J. G. **Journal of my Travels in the Year 1769**. New York: Columbia University Press, 1952.

HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. 2a ed. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

HAUSER, Arnold. **The Social History of Art**. Vol. III, Rococo, Classicism and Romanticism. Trad. Stanley Godman. London/New York: Routledge, 1999.

HERDER, Johann Gottfried. **Journal meiner Reise im Jahr 1769**. Stuttgart: Philipp/Reklam, 1992. Disponível em <<https://www.projekt-gutenberg.org/herder/jour1769/jour1769.html>>. Acesso em 12 Dez. 2023.

KARTHAUS, Ulrich. **Sturm und Drang**. Epoche - Werke - Wirkung. München: C. H. Beck Verlag, 2007.

KEMPER, Hans-Georg. **Herders Konzept einer Mythopoesie und Goethes Ganymed**. In: BABLER, Moritz, BRECHT, Christoph & NIEFANGER, Dirk (ed.). **Von der Natur zur Kunst zurück**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1997.

LUKÁCS, György. **Goethe e seu tempo**. trad. de Nélcio Schneider com a colaboração de Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2021.

MARTINESCHEN, Daniel. **A reflexão tradutória de Johann Gottfried Herder: estudo e antologia**. Monografia - Faculdade de Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

MARTINSON, Steven. **Herder's Life and Works**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.

MEYER-SICKENDIEK, Burkhard. **Weltschmerz**. In: Faust-Handbuch: Konstellationen – Diskurse – Medien (2018): 254-261.

NOYES, John K. **Herder: Aesthetics against Imperialism**. Toronto: Toronto University Press, 2015.

ROSENFELD, Anatol. **História da literatura e do teatro alemães**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1965.

ROSENFELD, Anatol. **Autores pré-românticos alemães**. São Paulo: EPU, 1991.

TAYLOR, Charles. **Hegel: Sistema, Método e Estrutura**. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

WERLE, M. A. **Winckelmann, Lessing e Herder: Estéticas do Efeito?** Trans/Form/Ação (São Paulo), v.23, p.19-50, 2000.

WILLIAMS, John R. **Goethe the poet**. In: SHARPE, Lesley (org.). **The Cambridge Companion to Goethe**.

ZAMMITO, John. **Herder and Historical Metanarrative: What's Philosophical about History?** In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.